

O **í**mpu**l**sivo



2008 - número 1
www.oimpulsivo.com.br

nem
nem victor hugo
bukowisk

aqui

o todo mundo é

igual

o que faz o texto é o seu movimento



Entrevista
com Goyatá

3

6

Preso Cidadão:

Fábio Rocha de Oliveira

Poemas

9

10

De lixo e Resistência:

Ivete Lara Camargo

Seres à Beira do
Abismo

13

14

As Mentiras que
Minha mãe contava

Verbo Enlatado

15

16

Crônicas Habaneras

Camila Bogéa

Utilidade
Pública

18

20

Anos!

Fábio Almeida

DOIS OU UM?

Vamos chamar essa edição de número 1, porque ela sucede a número zero: mas também poderia ser a número 2, por ser a segunda que veio depois da primeira. Logo ela é tão número 2 quanto primeira. Isto é o efeito paradoxante que ocorre com quase tudo que é feito ou que passa pelo espaço Impublicável. Impublicável? O nome Impublicável deixa uma interrogação no ar, principalmente quando os “ditos cujos” lançam uma revista: aí pergunta o entrevistador do outro lado da linha: “não é contraditório vocês (im)publicarem uma revista?” A resposta é afirmativa, mas nunca conclusiva: claro que é, mas é mais que isso.

Qual é o papel da revista? É um papel alternativo, barato e pode ser usado para outros fins, no banheiro, por exemplo. A impressão é em duas cores para caber no orçamento. O que custa caro são os direitos autorais que não pagamos para os figurões da literatura universal, até porque nós não os (im)publicamos. E a capa? Se o leitor torcer o nariz é porque a descarga ainda não foi acionada. O senhor, que foi importunado durante intimidade tão prosaica, não tem nenhum parentesco com Victor Hugo, e qualquer semelhança com Charles Bukowski é mera coincidência.

Impublicável é um nome sujo! Então por que não fazer uma edição escatológica da revista? A sujeira que, ilusoriamente, é eliminada no banheiro nos faz supor estar com a cara limpa e a consciência leve. No entanto o que tínhamos a dizer escorreu pelos canos, por um caminho underground e imprevisível. Seja com o Verbo Enlatado ou Preso Cidadão, em Corpus Rasurados ou nos Anos! a mais que nos imprimem a ressaca, o ressaibo de dizer o não dito. É a luta contra os Manicômios e as doces Mentiras que a minha mãe contava. Segue o texto ganhando movimento próprio, se fazendo e refazendo a cada leitura, a cada tropeço, a cada descarga e por mais que esbocemos convicção, somos sempre seres à beira do abismo. E sem o charme europeu, pousamos em Havana.

Além de tudo, a página seguinte traz uma pia limpinha para os bundões lavarem a cara e esconder a sujeira que andam fazendo por aí. Como diz Kundera: os canos dos esgotos, ainda que seus tentáculos cheguem até nossos apartamentos, são cuidadosamente escondidos de nossos olhares, e nada sabemos acerca dessas invisíveis Venezas de merda sobre as quais estão construídos nossos banheiros, nossos quartos de dormir, nossos salões de festa e nossos parlamen-





entrevista com Goyatá

Francisco José dos Reis Goyatá é graduado em Medicina e mestre em Psicologia pela UFMG, analista praticante da Escola Brasileira de Psicanálise, da Associação Mundial de Psicanálise, do Campo Freudiano e Membro da Associação Mineira de Psiquiatria. Atua como Consultor técnico em Saúde Mental da Prefeitura de Belo Horizonte e é professor de Espanhol para infantes na escola Balão Vermelho. Parece ter aversão a respostas diretas e óbvias e costuma receitar "música, teatro, espetáculos de dança e outras atividades artísticas..." Carrega citações e pensamentos filosófico-poéticos no bolso. Um intelectual e contumaz defensor da causa anti-manicomial, principal objeto desta conversa.

Os Impublicáveis, por Arthur Toledo: Pelo telefone você me esclareceu que não é formalmente engajado no Movimento de Luta anti-manicomial, mas que o conhece e apóia...

Goyatá: Isso mesmo. Embora não participe diretamente eu sou "amigo" desse movimento social, porque a Luta Anti-manicomial é um movimento social; ele não é só de gente ligada ao sistema psi, ele nasceu como movimento social e tenta cumprir sua missão convocando a sociedade a participar.

Os Impublicáveis: Vamos tentar definir melhor o nosso assunto: manicômio, costuma-se dizer, é para os loucos. E a loucura? Ela é socialmente definida ou existe, digamos, em absoluto?

Goyatá: Bem, não sei. Em absoluto a gente sabe que não tem nada e a loucura denuncia um pouco isso... Pra nós, hoje, mais do que nunca. Por exemplo, para Michel Foucault, a loucura é uma construção social, principalmente do século XIX, depois da Revolução Francesa quando havia a necessidade de uma certa limpeza na cidade; de se retirar as pessoas que estavam fora do que se chamou Razão. O termo manicômio aparece num autor muito

importante chamado Goffman que escreveu o livro *Presídios, Manicômios e Conventos*. Ele, nos EUA, e Foucault, na França, vão dizer que existiu, tanto do ponto de vista da parede concreta, quanto do pensamento social uma tentativa de excluir as coisas que não eram razoáveis, que não eram do pensamento da Razão pequeno-burguesa nascente, até mesmo dos princípios da Revolução: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Por exemplo, a Liberdade, fundante de uma nova era, da desilusão do homem com a divindade, o traz para o centro dos acontecimentos. Nós estamos entrando no campo da Ciência, com Descartes. Ela ao mesmo tempo traz a falência, se levarmos o pensamento cartesiano a ferro, da própria Razão, mas é isso que a ideologia moderna desconhece. Embora os loucos tenham se livrado dos grilhões das prisões e das naves em que eram colocados e deixados à deriva, longe da cidade, a revolução Higienista, inaugurada por Pinel, coloca outro grilhão, que é o da Razão. Aquilo que não é razoável deve ser tratado com técnicas cerebrais e uma boa higiene em todos os sentidos, inclusive o sexual. Não há nada, segundo Pinel, que não se vergue a uma boa educação.

Os Impublicáveis: Aí então nós podemos localizar uma definição de manicômio?

Goyatá: Uma definição moderna de manicômio, por que isso de excluir os loucos e largá-los presos já é bem antigo. Eles perambulavam na Idade Média, como você vê hoje nas cidades do interior. Tem o louco bonzinho, que circula, que é até folclórico e tem o louco perigoso que é preso, acorrentado em verdadeiros manicômios domésticos. Hoje essa idéia de manicômio tem sido desfeita...

Os Impublicáveis: Acho que você já falou um pouco disso: o estabelecimento de manicômios revela os ideais de determinada época em que a loucura era fortemente marginalizada...

Goyatá: Sim, e continuam sendo ideais da nossa época: esse ideal de saúde a toda prova, beleza a toda prova, todos esses ideais contemporâneos - que Freud denuncia num artigo famoso chamado O mal estar na civilização. Continuam em voga, de maneira mais sutil, delicada: por exemplo, as técnicas de engenharia genética. Quer dizer "quem sabe um dia a gente não vai poder mexer no cérebro ou no gene e transformar esses caras - os loucos - em pessoas normais, absolutamente civilizados?".

Os Impublicáveis: Houve fenômenos sócio-culturais que evidenciaram a ineficácia do "tratamento" dispensado aos loucos nessas instituições?

Goyatá: Sim, no Brasil eles não são tão antigos assim. Aconteceram no contexto da revolução de 64, principalmente. Todas as grandes revoluções autoritárias brasileiras foram seguidas por isso: encarceramentos em massa de loucos e, junto com eles, iam os inimigos políticos, os desafetos, os pobres, os negros... A população que vai para o hospício ainda é a pobre e a negra. O Jurandir Freire Costa tinha uma expressão famosa que eram os três "P's": você não podia ser pobre, preto nem psicótico...

Os Impublicáveis: Achei que você ia falar puto...

Goyatá: Também. Pode ser o quarto "P". (risos) é toda regrada por mais que o imperativo categórico, a lógica da libertação, se-

gundo Zizek, seja o "Goza", onde predomina o universo do desregramento absoluto, da barbárie. Quando Freud questiona a civilização, não é que ele ache que ela deva ser abandonada: temos que trabalhar sempre dentro dessa dialética de que existem realmente avanços na psiquiatria atual, mas é preciso estar atento para que não se retorne a este modelo que, em nome da ciência, encarcerou, um monte de gente. Porque a ciência não para de produzir novas descobertas e estas têm que estar sempre regidas pelo princípio de que a ciência não descobre tudo. E, nesse sentido, o fenômeno social mais importante que vivemos foi na Segunda Guerra, o Nazismo e também o Stalinismo, quando se pensou que poderíamos ter uma raça humana pura. Então, a idéia de uma humanidade pura, controlável, sem destruição alguma, sem sintomas, sem mal estar e, até mesmo, sem desejo, sem capricho; essa realidade toda regrada, tipo big brother, ainda se manifesta, ainda temos elementos dela, hoje. E sempre teremos, por isso é preciso estar sempre atentos e, também por isso, a importância dos órgãos de divulgação, a imprensa, as comunicações, elas estão sempre fazendo esse papel de...

Os Impublicáveis: De denúncia...?

Goyatá: Sim, mas não só de denúncia. De acompanhamento social. Por isso que o movimento de luta anti-manicomial tem essa importância de movimento social.

Os Impublicáveis: Você não diria então que houve um arrefecimento desse ideal de pureza?

Goyatá: Não, não houve nada. Piorou. Eu acho que esse imperativo categórico social do "Goza", da saúde a toda prova, ele é, às vezes, ainda mais terrível do que essa idéia meio grotesca do manicômio, por que esta já foi de certa forma superada embora, por exemplo, no Brasil e no mundo existam muitos ainda que lembram cárceres. E é contra isso que a gente trabalha... Aliás, não é só contra isso, é no sentido da superação disso porque ser contra é fácil, ser anti-manicomial é fácil, nós já estamos numa fase de ultrapassar a idéia e pra isso contamos com essas iniciativas sociais. A idéia é de

que o movimento anti-manicomial não é um movimento completamente institucionalizado, mas que ele conte com parcerias. Nesse sentido eu sou um parceiro desse movimento e participo muito de outro que é o Movimento da Reforma Psiquiátrica que não se pode confundir com reforma da Psiquiatria; é a reforma da relação da sociedade com a Psiquiatria, a relação também dos próprios Psiquiatras. Lógico que tudo isso tem uma dialética. Por exemplo, o movimento anti-manicomial hoje é chamado pelos seus inimigos de L.A.M.A. - Luta Anti-manicomial. E a reforma Psiquiátrica tem sido muito criticada por excessivamente fanática, purista. Mas eu acho que o purismo do que resta aí de fascismo, de higienismo é muito mais violento.

Os Impublicáveis: E que terapêutica seria mais adequada a esses indivíduos que antes eram encaminhados aos manicômios?

Goyatá: Não sei se existe uma terapêutica mais adequada. O adequado aí é o adequado a cada um desses sujeitos. Na verdade, antes o que se encaminhava eram sujeitos a-sujeitados. A idéia é primeiro estabelecer essa idéia de subjetividade, de singularidade radical - no sentido de raiz - que cada sujeito humano representa. E também da singularidade dos acontecimentos que eles podem produzir ou vir a se sujeitar; uma dimensão da vida humana que é desconhecida, quase intratável num primeiro momento. Então, você se debruçar nessa dimensão significa particularizar as coisas. Aí a ciência entra como ferramenta e não como fim. Porque quando a ciência se quer universal ela destitui o sujeito, a singularidade. Um tratamento que seria hoje possível para um sujeito psicótico ou que tem um transtorno mental muito grave seria o que desse a chance de uma abertura à diversidade. Não um ecletismo total, mas que permita essa abertura pra que o sujeito fale, pra que ele também apresente, como quase sempre eles fazem, uma proposta de cura. Quer dizer, um tratamento que inclua também todas as propostas de invenção de cura e de criatividade que ele e seu território tenham.

Os Impublicáveis: Com relação às

pessoas de menor poder aquisitivo, que não têm condições de tutelar e manter seus membros que, a princípio, não apresentam condições de viver em sociedade, qual seria uma alternativa viável?

Goyatá: A Reforma Psiquiátrica brasileira foi considerada em artigo da Lancet - uma revista científica inglesa de renome - como sendo a segunda que mais progride no mundo. É uma reforma que aconteceu não só para os mais pobres como muita gente imagina. Aconteceu inclusive no Legislativo brasileiro, em eventos amplamente divulgados pela imprensa, em torno de uma pessoa que teria sido internada involuntariamente uma vez e aí se questionou essa noção de involuntariedade. O coordenador de Saúde Mental do Ministério que é hoje o Pedro Gabriel Godinho Delgado tem um livro que se chama As razões da tutela: ou seja, a própria idéia de que essas pessoas precisam ser tuteladas precisa ser desconstruída. De fato, algumas ainda não têm e não tiveram sequer uma chance de sair dessa questão da tutela porque não têm família, perderam os laços, perderam qualquer noção de vida social. O Estado tem se incumbido destas pessoas criando o que nós chamamos de Residências Terapêuticas. São vários dispositivos ligados cada um ao caso específico, que tenta considerar ao máximo possível essa dimensão da historicidade de cada um e a partir daí, pactua-se com uma rede que é complexa, de atendimentos no campo do Social. O trabalho com a sociedade também é constante - no sentido dessas pessoas terem um lugar. Também existem outras soluções, por exemplo, uma família ou um grupo social que os adote, enfim, há milhares de possibilidades; elas são concretas e acontecem. Existem registros delas em inúmeras teses de mestrado e doutorado e mesmo no site do Ministério, na seção da Coordenação de Saúde Mental. Hoje tem encontro de psiquiatras e de psicólogos, mas tem também encontro de usuários, de familiar de usuários. Você tem, enfim, um movimento social importante que precisa ser realimentado o tempo todo e nisto agradeço a oportunidade que 'Os Impublicáveis' me dá. 



Revista Os Impublicáveis

contato@osimpuplicaveis.com.br
(31) 2526-5985

Edição

e

Projeto Gráfico:

Robert de Andrade Oliveira
robert@osimpuplicaveis.com.br

Redação e Revisão:

Barroso da Costa

e

Cind Canuto

barroso@osimpuplicaveis.com.br

cind@osimpuplicaveis.com.br

Fotografia:

Frederico Valério

e

Hélio Martins

Colaboraram nesta edição:

Alexandre Lemos, Camila Bogéa, Camilo Lucas, Ildeu Oliveira, Arthur Toledo (nosso correspondente no interior), Ivete Walty, Fábio Almeida, Fábio Rocha, John-nantan Nascimento, Jovino Machado, Luis Santiago,

Agradecimentos:

À Ivete Walty por acreditar na gente, ao Hélio Elvis por ter chorado e ao Camilo Lucas por ter abraçado nossa causa como ela fosse a Gisele Bündchen, ao Maxs Portes por sempre antecioso, à todos os colaboradores, à Faculdade Promove por até hoje não ter respondido ao nosso pedido de patrocínio, à Carla Mendonça por ser nossa musa, às professoras Renata e Tailze pelo estímulo, ao Wilmar Silva pelo espaço cedido no Terças Poéticas, ao Sérgio Fantini pelos convites, ao Sr. Ildeu por compartilhar conosco sua íntima urinada, à Dagmar por ter deixado seu marido posar para a capa, aos corajosos patrocinadores, à Aparecida pelo apoio e por fazer pratos tão saborosos e ao Kahlúa pelo café.



5

acesse o site www.osimpuplicaveis.com.br

S

fábrica de oliviera

preso cidadão: os direitos políticos do criminalmente condenado

"Fica decretado que os
homens
Estão livres do jugo da
mentira.
Nunca mais será preciso
usar
A couraça do silêncio
Nem a armadura de pala-
vras.
O homem se sentará à
mesa
Com seu olhar limpo
Porque a verdade passará
a ser servida
Antes da sobremesa."

(Artigo V dos "Estatutos do
Homem", de Thiago de Mello)

Os recentes episódios referentes à soltura de presos, tendo por protagonista um ou-sado magistrado da Comarca de Contagem (MG), chamaram a atenção da população, setores políticos e instituições públicas para a gravíssima situação na qual se encontram os encarcerados brasileiros. Sem perquirir sobre a juridicidade ou pertinência da medida empreendida, não se pode ignorar seu mérito de ter novamente trazido à tona das discussões cotidianas um problema em relação ao qual parcela expressiva da sociedade brasileira já havia adormecido.

De um modo geral, nossos olhos somente se voltam para a enorme massa humana que se amontoa nas pequenas celas indignas dos estabelecimentos prisionais brasileiros quando se noticia na mídia mais uma rebelião, tragédia ou, desta vez, uma liberação inesperada de detentos. Talvez fosse um momento propício, então, para um questionamento mais profundo: será que, além do compartilhado desprezo de alguns pelos intitulados "marginais", além da cultura velada do "quanto pior para eles, melhor", não haveria uma razão substancialmente política para a conveniente inércia da sociedade civil e das autoridades quanto às calamitosas condições de nossas prisões?

A primeira resposta imaginável, aparentemente singela, mas com significativa relevância, avulta clara: o preso não vota! E as consequências de tal fato, como cediço, são funestas: ao lado do estigma da exclusão social, o preso ainda resta complet-

amente ignorado pelos responsáveis pelas decisões acerca das políticas públicas, na medida em que não compõe o tão cobiçado eleitorado, não tem representatividade alguma nas esferas de poder. Seu alijamento político o coloca à margem dos direitos fundamentais da pessoa humana, não possuindo meios institucionalizados eficientes de vindicá-los.

Poder-se-ia vislumbrar uma situação diferente caso lhe fosse assegurado o direito ao voto. Seria fomentada, ao menos em tese, a discussão e a formação crítica dos presos, que até mesmo poderiam se unir em prol de um objetivo comum: a eleição de um representante parlamentar de suas reivindicações. Poderiam ser ouvidos sem recorrerem a insurreições violentas. E um dado importante: teriam valor numérico suficiente para chamar a atenção dos políticos, vendo-se incluídos nas pautas das campanhas eleitorais.

Obviamente, o direito ao voto, por si só, não garantiria a alteração do atual panorama carcerário brasileiro. Contudo, daria aos presos esta chance. As rebeliões e as decisões do magistrado mineiro nada mais representam do que um grito de socorro, dirigido em especial ao Poder Público. Por que não institucionalizar este clamor, dar-lhe poder de persuasão política? Ou seria melhor esperar indeterminadamente por novas sublevações, novas liberações de detentos? De qualquer forma, a inércia não parece a melhor solução.

Ademais, a manutenção da mudez política dos presos, além de inconveniente, afigura-se ainda juridicamente ilegítima. A doutrina pátria já sedimentou alguns princípios de Direito Penal com substrato constitucional, dentre os quais a imposição de que a reprimenda criminal deve se limitar ao atendimento de suas finalidades precípua de repreensão e prevenção.

Imagine-se, então, uma situação hipotética: alguém é condenado criminalmente, com trânsito em julgado, por xingar um vizinho, bater em um amigo, apropriar-se de um livro achado, trazer consigo um cigarro de maconha para fumá-lo (condutas enquadráveis, em tese e respectivamente, nos tipos penais previstos nos arts. 140, 129 e 169, todos do Código Penal, e art. 16 da Lei nº 6.368/76) ou em quaisquer delitos culposos (nos quais o agente sequer tinha a intenção deliberada de atingir o resultado danoso). Independente da gravidade da lesão ao bem jurídico tutelado, a decisão condenatória irrecorrível implicaria a suspensão dos direitos políticos do culpado. O mesmo raciocínio valeria para o homicida, estuprador ou traficante.

Assim, insta indagar: a ação delitosa, conquanto reprovável, guarda relação com a qualidade de cidadão? A suspensão dos direitos políticos do réu cumpriria o escopo de repreensão e prevenção do sancionamento penal? Noutras palavras, seria razoável e, em consequência, constitucionalmente autorizada? A partir desta primeira análise, observa-se que a suspensão dos direitos políticos não guarda nenhuma relação com a conduta delituosa praticada. Ou seja, não constitui uma sanção penal, não tem por objetivo reprimir o culpado pelo ilícito perpetrado.

Tal suspensão nada mais representa do que um efeito secundário da sentença criminal condenatória transitada em julgado, em consequência da previsão do art. 15, inciso III, da Constituição Federal. Contudo, parece-me necessário, para seu exame, partir da premissa hermenêutica destacada com primor na lição do eminente constitucionalista José Afonso da Silva:

O princípio que prevalece é o da plenitude do gozo dos direitos políticos positivos, de votar e ser votado. [Em nota: Trata-se de princípio universal que já figurava no art. 6º da Declaração de Direitos da Virgínia (1776), no art. 6º da Declaração dos Direitos do Homem

e do Cidadão (1789) e, especialmente, figura ainda no art. 21, I, da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948):

"Toda pessoa tem direito de participar no Governo de seu país, diretamente ou por meio de representantes livremente escolhidos". A pertinência desses direitos ao indivíduo, como vimos, é que o erige em cidadão. Sua privação ou a restrição do seu exercício configura exceção àquele princípio. Por conseguinte, a interpretação das normas constitucionais ou complementares relativas aos direitos políticos deve tender à maior compreensão do princípio, deve dirigir-se ao favorecimento do direito de votar e de ser votado, enquanto as regras de privação e restrição hão de entender-se nos limites mais estreitos de sua expressão verbal, segundo as boas regras de privação e restrição hão de entender-se nos limites mais estreitos de sua expressão verbal, segundo as boas regras de hermenêutica. (SILVA, José Afonso da. Curso de Direito Constitucional Positivo. 16ª ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1999, p. 383)

O ensinamento do professor paulista nos traz um dado importante: os direitos políticos do cidadão, integrantes de um núcleo fundamental de valores constitucionalmente garantidos, devem ser interpretados do modo que lhes impinja amplitude e efetividade máximas. Neste sentido, afigura-se imprescindível abstrair do dispositivo constitucional acima citado a mens legis (o sentido da norma, sua significação) mais consentânea com tal diretriz hermenêutica.

Este pressuposto induz uma conclusão: quando a Constituição dispõe que o criminalmente condenado terá seus direitos políticos suspensos, entende-se que tal medida não consiste em castigo adicional à sanção já imposta, mas apenas explicita a necessidade de sustação dos direitos incompatíveis, pela sua natureza, com o cárcere. Em outras palavras, a norma restritiva sob enfoque (art. 15, III) indica tão somente que o condenado perde temporariamente a capacidade de ser votado (sua elegibilidade), mas não sua capacidade de votar em eleições, plebiscitos e referendos (ou seja, sua alistabilidade), plenamente compatível com a custódia.

O renomado constitucionalista Alexandre de Moraes direciona seu entendimento no sentido de que a suspensão dos direitos políticos do criminalmente condenado tem por escopo apenas o res-



guardo de um mínimo ético no desempenho de mandatos eletivos, sem qualquer menção à afetação ao direito de voto do preso. Afirma tal doutrinador que "(...) a ratio do citado dispositivo [art. 15, inciso III, Constituição Federal] é permitir que os cargos públicos eletivos sejam reservados somente para cidadãos insuspeitos, preservando-se a dignidade da representação democrática." (MORAES, Alexandre de. Direito Constitucional. 18a ed. São Paulo: Atlas, 2005, p. 237/238).

A Corte Jurisdicional Mineira, não obstante julgasse caso referente às hipóteses de sursis e livramento condicional, também já manifestou o posicionamento de que a suspensão dos direitos políticos está indissociavelmente ligada à constrição da liberdade do condenado e assim deve ser interpretada. Vejamos: "Pena. Suspensão dos direitos políticos. Admissibilidade somente quando o cumprimento da reprimenda em estabelecimento penal torne inviável o exercício de tais direitos ou quando houver limitações que impliquem horários de recolhimento ao cárcere." (TAMG - RT 754/713).

Vale ressaltar que uma interpretação sistemática da Constituição também leva à mesma conclusão. Isto porque seu art. 14, §2º, afirma que não podem se alistar como eleitores, em numerus clausus, os estrangeiros e, durante o período do serviço militar obrigatório, os conscritos, sem

qualquer referência aos criminalmente condenados. O parágrafo 3º do mesmo artigo reforça este entendimento, na medida em que coloca como condições de elegibilidade tanto o pleno exercício dos direitos políticos quanto o alistamento eleitoral. Se fossem expressões coincidentes, seria desnecessária a dupla menção. Logo, uma pessoa pode estar alistada como eleitora, mas não desfrutar da plenitude de seus direitos políticos, tornando-se inelegível (nesta hipótese se enquadra o preso irrecorivelmente condenado).

Em síntese, procurou-se apenas instigar uma reflexão, sob prismas diversos, acerca da arbitrariedade da suspensão automática de todos os direitos políticos do criminalmente condenado com o trânsito em julgado da sentença, em uma aplicação irreflexa e elástica do art. 15, III, da Constituição Federal. Isto porque a declaração de culpa de um indivíduo na seara penal não retira sua qualidade de cidadão, devendo ele manter-se integrado às decisões sobre as políticas públicas, algumas das quais será destinatário direto.

A repercussão política da responsabilidade criminal deve limitar-se ao impedimento ao desempenho de mandatos eletivos, incompatíveis física e moralmente com o encarcerado. Este, todavia, continua detentor dos direitos, garantias e deveres dispostos na Constituição Federal, integrando uma sociedade plural da qual emanam os poderes representativos para a gestão de seu destino. 

Fábio é advogado em Belo Horizonte, assessor judiciário junto à 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, especialista em Direito Público pela PUC/MG



Um Vale de lágrimas
que correm para o mar,
que salgam o próprio mar,
águas vindas da seca,
areia assoreando,
sinhô assenhorando
do arenoso leito,
extraíndo diamantes,
devolvendo excrementos;
a pobreza discrepante,
a fome e a demência:
um vale de lágrimas.

luis santiago

Lem brança de F.G

Gosto de paisagens urbanas

Admiro as edificações conturbadas
de Belo Horizonte
Como admiro a regularidade curva
de Brasília

(mais que popular
é populista o sonho)

Admiro os desenhos tortor
da Igrejinha da Pampulha
como admiro o mijo torto
Do mendigo da Pampulha

Apenas desgosto
da curva que Niemeyer
Combateu:
esse desalinho social
johnnantan nascimento

antena

meu pai era galdino
livre
foi queimado

meu avô era zumbi
guerreiro
foi castrado

meu bisavô era bardo
pessoa
foi ignorado

eu sou sambista jovino mashado

Ilusões do amanhã

"Por que eu vivo procurando
Um motivo pra viver
Se a vida as vezes parece de mim esquecer?"

Procuro em todas, mas todas não são você
Eu quero apenas viver
Se não for para mim que seja para você.

Mas as vezes você parece me ignorar
Sem nem ao menos me olhar
Me machucando pra valer.

Atrás dos meus sonhos eu vou correr
Eu vou me achar, pra mais tarde em você me
perder.

Se a vida da presente pra cada um o meu
cadê?

Será que esse mundo tem jeito?
Esse mundo cheio de preconceito.

Quando estou só, preso na solidão

Juntando pedaços de mim que caíram no
chão
Juro que as vezes nem ao menos sei, quem
sou.

Talvez eu seja um tolo,
Que acredita num sonho
Na procura de te esquecer
Eu fiz brotar a flor
Para carregar junto ao peito

E crer que esse mundo
Ainda tem jeito
como príncipe sonhador
Sou um tolo que acredita no amor."

Príncipe Poeta

Alexandre Lemos o Príncipe
Poeta é o autor dessa
poesia. Ele é aluno da APAE.

de lixo e

No livro *Corpus rasurado*: exclusão e resistência na narrativa urbana, da professora e ensaísta Ivete Lara Camargos Walty, foram analisadas histórias contadas por habitantes de rua de Belo Horizonte, investigando-se sua estruturação e a visão de mundo aí veiculada. Analisa-se, pois, a trajetória dos trabalhadores catadores de papel, ex-moradores de rua, antes de sua entrada para a ASMARE (Associação dos catadores de papel de material reciclado de Belo Horizonte), vistos como lixo pela sociedade e até por eles mesmos.

Lixo

Viver no lixo ou viver do lixo? O estudo de relatos da população de rua de grandes cidades brasileiras deixa-nos entrever diferentes faces da relação desse segmento da população com tudo aquilo que é dado como lixo em nossa sociedade: desde o corpo imerso na sujeira e as casas feitas de sucata até o corpo travestido no carnaval com material reciclado.

O morador de rua reinventa o seu cotidiano, buscando uma forma de vencer obstáculos, lidando com as cenas improvisadas armadas por essa aventura. Se por um lado, de uma forma dura, é obrigado a encontrar alternativas que lhe permitam sobreviver, por outro, demonstra criatividade em meio a esse cenário, que, marcado pela "falta", o instiga. Do lixo se fabricam produtos culturais, que se fazem táticas de resistência social. Michel de Certeau, que já afirmou que os relatos cotidianos, como "feições de espaço", "contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer" (1994, p. 207), também realça o papel da sucata naquilo que é dado como arte popular e, mais do que isso, baseado no aproveitamento da sucata, propõe a adoção de uma prática de desvio na abordagem crítica dessas táticas cotidianas. Assim, a reciclagem material indicia uma reciclagem cultural, marca da sociedade contemporânea.

Bricoleur

O bricoleur, diferentemente do engenheiro, aproveita o que encontra para construir seu produto. Por isso mesmo tanto o homem que deita sobre um banco de praça e se cobre com um papelão da caixa de enceradeira Electrolux até o velho que constroi seu barraco em plena rua Espírito Santo, no centro da cidade de Belo Horizonte, e dorme tranquilamente em cama coberta com lençol e colcha, o que se observa é o bricoleur, usando o material de que dispõe, na construção de sua casa e de sua identidade.

Em nosso caso, como o bricoleur é esse anônimo morador de rua, o traço mais forte que ele imprime em sua bricolagem não é apenas seu, mas de todos que, como ele, vivem dos restos da sociedade, "testemunhas fósseis da história de um indivíduo ou de uma sociedade". Esse deslocamento faz parte das táticas quando aqueles que não têm

i v e t e l a r a c a m a r g o s w a l t y

poder devem descobrir formas alternativas para ganhar a guerra da sobrevivência. Assim, as sobras de granito ou mármore de um banheiro de uma casa da classe média alta podem vir a ser uma mesa no barraco, por sua vez, já construído com pedaços de chapas de aço advindas da indústria pesada, ou do papelão de caixas de eletrodomésticos comprados por pessoas com maior poder aquisitivo. Quando alguma coisa e exibida fora do seu lugar costumeiro pode chamar atenção para outros significados e outras funções, que passavam despercebidas até aquele momento.

Reciclagem

Ao falar de "Reciclagem da cidadania", no caso dos moradores de rua e dos catadores de papel, reunidos em cooperativa ASMARE, demonstra-se como o termo reciclagem evidencia trânsito entre a reciclagem econômica para a cultural. Esse contexto da reciclagem, do reaproveitamento, da inserção de resíduos novamente no sistema, amplia o espaço do catador de materiais recicláveis e é por meio do reaproveitamento daquilo que é descartável que se dá o "reaproveitamento" de pessoas. Como no caso da sucata, para De Certeau, a garrafa de Coca-Cola perde sua ancoragem, deslocada de sua primeira função, chamando sobre si outros olhares. Da mesma forma, o trabalhador, ao viver do lixo, exibindo-o, obriga-nos a olhar não apenas para ele, mas para todo o sistema de que faz parte.

Os catadores explicam assim sua trajetória na apropriação não apenas do lixo, mas de suas regras de comercialização e troca no mercado de trabalho:

Depois que nós ficamos organizados, adquirimos respeito e cidadania.

(...)
Deixamos de ser ninguém para ter uma profissão, que nos garante moradia e educação para nossos filhos. Deixamos de ser vistos como parte do lixo com o qual trabalhávamos.

(...)
Antes a gente ia numa lanchonete do centro e eles pensavam que a gente queria roubar, agora a gente senta e lancha igual a todo mundo.

É nesse sentido que se pode dizer que eles se reciclam quando reentram a auto-estima e o respeito do outro por seu trabalho e por sua vida. Por outro lado, verifica-se que a sociedade só aceita em seu interior aqueles que se ajustam a seu modelo entre suas regras está a limpeza e sua ausência de risco. O lixo não incomoda apenas porque pode estar contaminado e provocar doenças. Ele ameaça porque é o informe, dali pode surgir algo que não se conhece, que não se pode dominar. Analogicamente, pode-se perguntar se as produções culturais da população de rua não poderiam propor outras formas de ordenamento social, econômico e político, diferenciadas do modelo vigente.

Texto elaborado, com a – torização da autora, a partir de entrevista concedida ao Jornal *O tempo*.







"Já perscrutamos bastante as profundezas dessa consciência e é chegado o momento de continuarmos a examiná-la. Não o fazemos sem emoção ou estremecimento. Nada existe mais terrível que esse tipo de contemplação. Os olhos do espírito não podem encontrar em nenhum lugar nada mais ofuscante, nada mais tenebroso que o homem; não poderão fixar-se em nada mais temível, mais complicado, mais misterioso e mais infinito. Existe uma coisa que é maior que o mar: o céu. Existe um espetáculo maior que o céu: é o interior de uma alma".

Victor Hugo, *Os Miseráveis*

A miséria humana sempre foi tema que me interessou e, investigando este interesse, pude chegar à conclusão de que vejo algo de belo em toda essa sujeira que nos é inerente. Posso ainda afirmar que não estou só, pois, se estivesse, algumas fotos do Sebastião Salgado não teriam a importância e o reconhecimento que têm, os livros do Rubem Fonseca não venderiam tanto e o Dostoiévski não teria sido o Dostoiévski. Aliás, talvez até me arrisque a dizer que essa miséria permite que me sinta menos só.

Ou mais só, em tempos de império de uma maioria anestesiada pelo consumo, fechada num narcisismo que cega para tudo que é outro, que seja diferente das tetas do mer-

cado... Mas, postas de lado as constatações psicossociológicas, voltemos ao nosso lindo e miserável desespero.

A miséria denuncia uma impossibilidade, a nossa impotência frente a uma realidade da qual muitas vezes não participamos, mas pela qual não raro sofremos; faz emergir nossa incapacidade de responder ao outro ou de resolver para o outro a situação que o consome e destrói, lembrando-nos, a todo momento, de nossa condição carnalmente finita.

Que retornaremos ao pó não há dúvidas e, sendo este o termo futuro que mais nos identifica, unindo-nos na angústia, talvez seja a partir dele que se possa melhor apreciar a estética de nossa podridão.

Trocando em miúdos, penso que a miséria tem algo de belo porque desperta a compaixão, este co-sentimento que nos toca fundo. Revela nossa solidão estrutural, mas resgata seu lado estruturante ao fazer-nos lembrar que somos todos seres à beira de um abismo, capazes dos mais terríveis, mas também dos mais sublimes atos.

É a compaixão que nos identifica ao mendigo, à prostituta velha e gorda, à criança que chora de fome, ao assassino... E, como num espelho mágico, permite-nos dividir com os mais desesperados miseráveis um ponto comum: o desamparo de nos sabermos humanos. No extremo oposto, talvez também seja esta identificação o sentimento-base de nosso êxtase ao ouvirmos uma bela música, ler uma poesia ou uma fotografia de beleza que imediatamente nos toca e envolve num empuxo.

O belo e o miserável acabam sendo as duas faces de uma mesma moeda, as quais vez ou outra acabam se confundindo, como se permitissem o impossível encontro da noite com o dia ou que o céu tocasse as regiões abissais.

E nós, a moeda de metal corrosível, seguimos sós, nos equilibrando na corda bamba de uma liberdade que não escolhemos, mas pela qual somos convocados a responder. É de se cogitar se não foi por questões semelhantes que Kierkegaard definiu a angústia como "a vertigem da liberdade".



Eu sou um escritor, sou um mentiroso e me é mais fácil afirmar que sou um mentiroso que um escritor. O advogado também é um mentiroso e nem por isso é um escritor. A afirmação de que sou escritor também pode ser apenas mais uma mentira, mas tanto na literatura quanto nos julgamentos a diferença entre verdade e mentira é muito tênue. Minha mãe ensinou-me a mentir sem saber que estava mentindo ou que a mentira às vezes é uma forma de verdade. Quando alguém com quem minha mãe não queria falar a procurava, ela pedia para dizer que não estava. Depois falava que estava cansada, que ela sabia o que a pessoa queria e mais tarde iria ao seu encontro. Suas mentiras, que também eram minhas, me pareciam tão necessárias que às vezes eu dizia que ela não estava sem que ela houvesse me incumbido disso. Se seu olhar estivesse distante ou se descansasse da vida de dona-de-casa debruçada sobre um Erico Veríssimo ou Joseph Cronin, eu falava que ela não estava e tinha para mim que não estava mentindo, afinal ela estava em qualquer lugar que não fosse nossa casa.

A mentira na minha casa sempre foi uma metáfora da verdade. Nunca acusamos uns aos outros de mentirosos e nem nos orgulhamos de ser verdadeiros, sabíamos sermos verdadeiros com nossas mentiras metafóricas. Meu pai não mentia, ele omitia, calado e introspectivo. Também nunca se valeu da verdade com um bem. Toda vez que a verdade se fez necessária na minha casa, junto dela vieram outros sentimentos menos nobres que a veracidade dos acontecidos; tais revelações foram indispensáveis nos devidos momentos, conquanto o embuste já tivesse sido usado e causado o mesmo efeito. Aprendemos a usar inverdades ou verdades e assumir as consequências, e o que definia o resultado da ação, como boa ou ruim, não era a autenticidade do discurso, mas sua legitimidade. As palavras da minha mãe eram certas, porque além de ser mãe ela não deixava espaço para a dúvida. A firmeza



na voz, a convicção, a autoridade e carinho eram mais convincentes que o doutor que dizia: "banha de galinha quente só aumenta o colesterol, isso não cura nem nunca curou bronquite".

O problema da mentira é a conotação pejorativa que lhe dão e para isso temos outras alternativas. O escritor não mente, ele cria um universo ficcional e tudo o que escreve é real naquele ambiente. A fábula é um jeitinho especial de ensinar os valores morais e éticos para nossas crianças, ou seja, uma mentiri-nha para explicar uma grande verdade. A metáfora não é falsa nem verdadeira, mas serve para distorcer a verdade e contorcer a mentira. Ainda há o ponto de vista que relativiza aquela que sonha em ser absoluta, por exemplo: um sorriso falso pode ser um sarcasmo verdadeiro, e uma briga falsa pode ser um artifício para uma reconciliação verdadeira.

Pode até parecer uma apologia à mentira, mas ocorre que ela é produto da verdade e vice-versa, logo também seria uma apologia ao verdadeiro. O falso é o método para se conhecer ou construir o real e embora minha mãe não seja uma filósofa, ela me antecipou e mostrou na prática a afirmativa de Nietzsche: "Quem não sabe mentir não conhece a verdade".



O que eu deveria aprender é a ouvir e a ler. Eu começava a entender o que lia a partir de meio da história quando a trama se desenvolvia e me prendia. Não que as histórias não devam ser compostas de tramas e que não prendam o leitor. Pois que devam, devem. Mas e os textos que se propõem dialéticos, interativos? Estes não podem ser mastigados. Perderia mais tempo com as frases hoje, se tivesse tempo a perder.

Nasci com os computadores, mesma época. Quando comecei a me entender por gente, já mexia com eles. Fazia desenhos em linhas verdes e imprimia casinhas infantis em folhas de impressora matricial. Meus pais vibravam com isso, eu vibrava com eles.

Acostumei-me com o sonho de liberdade total de expressão que as máquinas proporcionavam. Nem se sonhava com os programas de gráfico quase perfeito como os atuais e eu já queria saber se podia fazer animação. Queria um Flash, um Power Point que seja, porém não havia. Então desde já também me acostumei com não possuir o que desejava. Eu tinha dez anos quando compramos nosso primeiro PC e doze quando comecei a fazer trabalhos de escola no Word.

Nunca usei drogas perigosas em toda vida, a não ser que considerem música baiana como uma delas. Entre tais drogas, destaco o maior problema e solução (solução para o tédio) no campo eletrônico do século em que vivi: o videogame.

Meu irmão costumava usar a droga do videogame diariamente. Eu só joguei, umas poucas vezes, por causa dele. Não me estimulava ficar sentada horas na frente de uma tela por uma diversão tão difícil. Sem falar que eu sempre perdia e como não agüentava que rissem tanto de mim com aquela sinceridade das crianças, eu me retirava. Só que eu gostava da proximidade com os meninos. Ficava, por isso, bastante tempo assistindo os jogos; primeiro campeonatos de luta, mais tarde eram de QO7, armas de fogo e quatro telas separadas. Ainda mais tarde eram Lan House's, mais fogo e ainda mais violência.

Meus pais dizem que na época deles as famílias não se desfaziam tanto, que não havia tantas adolescentes grávidas e que eles respeitavam mais os pais. Eu creio que estão certos: as mulheres apanhavam muito mais caladas dos maridos - ainda apanham, menos caladas. Elas também se casavam mais

cedo, muitas por obrigação, pela impaciência de alguns maridos em fazer o que precisa para ter filho ou por, hipocritamente, terem o filho, concebido antes do casamento, dentro do casamento. Aliás, a hipocrisia era grande responsável pelo baixo relativo de divórcios. O que levava a uma vida conjugal péssima e cada vez mais hipocrisia.

Posso tirar poucos exemplos de casais que resolveram se gostar, depois de se odiarem profundamente, é claro, e que viveram felizes para sempre. A maior parte morre cedo mesmo e nada de felicidade eterna. Sobre o respeito nem falo muito, pois estou certa de que concordam comigo que é melhor ver um pestinha feliz e amado do que uma criança amedrontada que pede bênção e trata a todos por senhor e senhora.

Só que o que eu queria dizer é que me parece existir uma grande diferença entre mim e eles sim, e só essa. Não é moral, nem política, porém filosófica. Eu sou muito mais violenta que eles. O conflito geracional restringe-se à violência; deixa de lado as especulações aristotélicas e encontra-se aí em toda sua extensão, que acaba causando consequências em outros campos, sim.

As palavras que uso para me expressar, por exemplo, são puta fatalistas, altamente positivas, "meio que um tanto" fortes, taxativas (ah, taxativas!!!) e sempre complacentes à alguma violência maior.

A violência é principalmente verbal. É claro que desequilibrados e radicais, existentes em todas as épocas, causam danos ainda maiores por causa das armas bem mais potentes que possuímos.

Só que para essa violência chegar ao terrorismo ela teve que passar, por exemplo, pelos ataques publicitários de filmes e propagandas altamente e comestivelmente violentos feitos pelos EUA e toda a corja que o seguiu, além dos ataques internos de publicidade também.

Apesar de os EUA estarem culturalmente sempre atrás da Europa, a dose de violência extremada deve ser uma referência americana. Temos, eu e meus compatriotas, necessidade de doses cavalares de violência diária; sem ela ficamos pouco estimulados, tensos, entediados. E, agora, tudo tinha começado com a uma necessidade de escrever morais sobre a escrita e passei pela política, critiquei os Estados Unidos, usei palavrões e até falei de sexo e drogas.

Quando vou conseguir começar a escrever sobre a importância das referências bibliográficas e de como isso me fez falta desde a infância? Quando vou dizer sobre a necessidade de ver e falar sobre autores das obras que li em vez de minar minha escrita num paralelo mais pra reta concorrente em 90 graus? Talvez nunca. Essa é a diferença entre mim e você. Assim recomeço sem jamais falar de apenas violência verbal, pois não sou poética, nem científica, apenas filosófica. Porém, como a filosofia foi o início do conhecimento, sou o que ainda não carrega a violência que espera meu mundo.

C
i
n
d
c
a
n
u
t
o



1

A idéia da viagem surgiu de repente, como em geral surgem quase todas as grandes e pequenas coisas da minha vida. O destino inicial era a cidade à qual planejava voltar já há alguns anos: Barcelona. Queria rever amigos, reciclar o idioma, voltar a velhos cenários. Num lapso de lucidez, lembrei-me do inverno glacial que me esperaria por lá. Não havia chegado o momento de ler esse livro pela segunda vez. E também queria romper um pouco meus esquemas, sair da zona de conforto do que já se sabe, do que já se conhece. Por que não Cuba? Minha decisão dividiu opiniões. Para alguns, a idéia era muito pouco glamourosa, diziam que me meteria numa roubada; outros acharam incrível, queriam ir comigo. A essa altura eu já sabia bem o que queria. Comprar a passagem foi um êxtase. Se até então seria possível que eu não fosse, agora não tinha volta. Estava em plena Consolação e me via no foco de uma câmera giratória em alta velocidade, como num final glorioso e brega de um filme qualquer, numa

existência deveras interessante! Após esse choque da confirmação, surpreendia-me de não estar em polvorosa com a proximidade do que seria uma grande viagem. Seria a idade? Estaria deixando de me emocionar com a vida? Lembrava-me da excitação que precedia os acampamentos de fim de semana com a turma do vôlei do Santo Agostinho. E agora, isso. Lógico que os mecanismos de defesa estão sempre por aí: pessoas cool mantêm sempre certo limiar de controle em suas reações. A sensação era semelhante à de quando estava grávida e procurava sentir o dito amor que se deve sentir pelo filho mesmo antes dele dar as caras. A passagem foi uma pechincha. Fiquei cabreira porque era quase a metade do que cobravam todas as outras companhias aéreas. Pensei naquelas reportagens do Fantástico denunciando empresas fantasmas, pessoas lesadas desabafando em seus depoimentos a perda das economias investidas num pacote que nunca existira. Deu medo. O medo só passou quando tive em mãos o cartão

de embarque. Outro detalhe preocupou-me até a volta. Como não podia deixar de ser, fui fazer meu mapa astral, não o trânsito, mas um mapa védico. Minhas primas o diziam certo, infalível, esse era o mapa. Sim, meu consultor "via" uma viagem ao estrangeiro, porém mal-sucedida. Alguma coisa não iria funcionar, "via" perrengues e talvez um roubo de dinheiro. Deu medo. O passaporte renovado sairia somente a um dia da viagem. O temor de que algo ruim acontecesse só passou terminado o trajeto de volta e me deu trégua durante o breve intervalo de tempo que demoram as pessoas em enfrentar a lenta fila de saída dos aviões, pegar o corredor rumo ao desembarque e chegar à sala de retirada de bagagens. Mas essa é outra história... Em meu estilo ritualista, estreei o caderno de viagem, pedi dicas àqueles que já haviam ido e aos que eram de lá, comecei a estudar a história, a esgotar o repertório de filmes cubanos da locadora do bairro, a procurar uma família cubana que me recebesse. Quis fazer uma lista de escritores locais para ler enquanto estivesse na ilha, mas acabou não sobrando tanto tempo quanto imaginava para leituras e a suposta lista acabou vindo pelas mãos do acaso. Fiz listas também do que queria levar, do que não poderia esquecer, de pendências. Pois bem, o dia chegou. Essa viagem me instigava. Não conseguia ter uma idéia muito clara do que me esperava. Não sabia se o curso que queria fazer iria mesmo acontecer. Não sabia como era o lugar onde iria ficar. Na cabeça, levava um mosaico inclassificável. Minhas pesquisas serviram menos para esclarecer o desconhecido que para gerar novas dúvidas e jogar mais lenha numa fogueira que acabava de acender. O itinerário era São Paulo - Buenos Aires - Havana. Após cinco tórridos dias na Argentina, embarquei pela Cubana de Aviación rumo ao aeroporto José Martí. 

Esoterismo	alimentação
Web-envagelização O caminho para o céu agora está mais rápido, pois somos os únicos com fibra-ótica. Ou você prefere a conexão discada do diabo?	Curso de Culinária do Dr. Hannibal Venha conhecer os sabores exóticos da culinária alternativa do Dr. Lecter. Ao final do curso, você terá direito a compor o menu, pessoalmente.
Flatomancia Decodificamos os sons dos seus gases, eles têm podem revelar o seu futuro. Chega de Opressão.	Relax
Teorias Científicas Vendo Teorias revolucionárias de diversos campos do conhecimento. De células tronco à expansão do universo.	Joseph Campbell "Mitologia é o nome que damos às religiões dos outros."
Seu Barroso Sou de barro e firme quem tijolo. Jogo búzios e purrinha valendo ouro.	Eugenio Mohallen "Não dá para acreditar num país que comprou o Acre."
Igreja Mundial do Feudo de Deus Se você está cansado, sofre de dor de cabeça, insônia, reumatismo, artrite, dor de barriga ou artrose, tem fome por volta de meio-dia e sono à noite - qualquer destes graves sintomas -, fique atento, você pode estar possuído pelo demônio. Mas não se preocupe, agora você pode estar procurando nossos descapetizadores profissionais que eles vão até sua casa resolver o problema, nem que seja à força. Com nosso novo tratamento de choque, nem o capeta conseguirá ficar detro de você.	S. Brown "Muitos de nós estamos gastando dinheiro que não fizemos por onde ganhar, para comprar coisas de que não precisamos, a fim de impressionar pessoas de quem não gostamos"
	Mark Twain "Desistir de fumar é a coisa mais fácil do mundo. Eu sei porque fiz isso milhares de vezes"
	"Todos os cogumelos são comestíveis. Al-guns, só uma vez."



UTILIDADE PÚBLICA:

QUANDO NÃO SE PODE PENSAR COM DUAS CABEÇAS AO MESMO TEMPO
– POIS A VIDA É DURA E DE ALGO DURO VEM A VIDA.

Célio Darwich Apgaua, que também atende por Dr. Célio Dog, é Odontoveterinário, músico, compositor, mecânico e, o que no momento nos interessa, inventor.

Pensando na dificuldade enfrentada pelo homem no momento em que é obrigado a pausar as preliminares para colocar o preservativo, ação bastante sensata, mas que devido ao furor das emoções somada à imperícia do sujeito pode terminar antes de começar, o Dr. Célio Dog desenvolveu o "Aplicador de Camisa de Vênus". O invento está na classe "Dispositivo de Utilidades" e a patente, registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial, com o número: 57302186.

Segundo o inventor, o princípio básico-filosófico de um aparato como esse é de que o homem só consegue pensar com uma cabeça de cada vez. Ele só tem uma função, serve pra aplicar, não para apalpar, para ponhar, nem para pôr, é para aplicar a camisinha. Se o homem tiver que pensar demais, ele não vai conseguir usar a outra cabeça. Se muda a cabeça, muda o foco. O raciocínio atrapalha, uma coisa é o sexo e o que tem nele, a outra é a racionalização de uma coisa que empata o caminho.

A idéia, ou necessidade, de se criar o Aplicador de Camisa de Vênus surgiu depois de uma aventura - com sabor de desventura - amorosa. Em um dia "baixo astral", Dogão, como também é conhecido, tocava sua viola solitário no vão da escadaria do prédio onde mora, usufruindo da boa acústica do local. Não demorou muito para que aparecesse uma platéia e, por conseguinte, um affair.

"Marcamos um encontro numa galeria de arte. Lá tinha um monte de cadeiras e uma mesona, uma bancada larga, enorme. A bancada foi o melhor da festa. Depois desse momento muito agradável eu senti vontade de ficar com ela de novo. Na segunda vez foi complicado. É que eu tenho dificuldade com as camisinhas porque elas ficam apertadas em mim. No fim, ela também estava querendo ajudar e aquilo virou uma 'bomba'; apesar de que, na verdade, é até melhor que a mulher coloque

a camisinha.

E tinha que ser de camisinha, já que eu não conectia a mulher e os nossos espíritos ainda não tinham se entrelaçado. Foi aí que eu disse: 'é assim que tem que ser, né, gata? sexo seguro, não é? então tá, então vamos tomar uma'", conta o inventor.

O acontecido o deixou preocupado e desse dia em diante começou a matutar algo que pudesse socorrê-lo nessas horas.

Entre os anos de 1993 e 1994, Célio estava morando em Goiânia e procurou seu irmão Marcelo - pois ele tinha umas invenções malucas e poderia ajudar - e propôs: "Marcelo, se a gente inventar um troço que regace de colocar uma camisinha, que seja simples, a gente fica rico. Não existe um negócio desse no mercado, a gente tem que inventar". Mas o Marcelo mudou-se para Brasília e a distância fez com que o projeto fosse adiado.

Tempos depois, reencontraram-se em Goiânia para dar início à empreitada. Eles não faziam idéia de como começar, mas segundo o Dr. Dog: "o sentimento era dos mais nobres, eu tinha que inventar o 'trem', era importante que fizesse, porque era quando estava começando a ser importante usar camisinha. Na época tinha AIDS demais e iniciava aquele movimento a favor do preservativo. Parece que eu captei as energias da época e inventei um trem maravilhoso. Simples, mas que funcionava de um jeito maravilhoso".

De fato, o aparato é simples e eficiente. Duas fitas de material sintético são presas à auréola do preservativo desenrolado e são enroladas junto à camisinha durante o processo de fabricação; na extremidade de cada fita há um dedal que acionará a aplicação. A aplicação é igualmente fácil: a pessoa que for aplicar enfiará a ponta dos dedos indicadores nesses anéis, estando o pênis ereto e o prepúcio esticado, deixando a glândula exposta. Então, colocará o preservativo na ponta do membro, retirando o ar da extremidade da camisinha, no pressioná-la com a ponta com o polegar. Em seguida, basta só puxar

os anéis, desenrolando e ao mesmo tempo "encapando" o falo. A velocidade da aplicação é definida por quem aplica; tanto pode ser morosa, para aqueles que praticam sexo tântrico, por exemplo, como bem célere, modo, este, indicado para camaradas com ejaculação precoce ou para aquelas rapidinhas nos intervalos do trabalho. Conforme o inventor, o aplicador facilitará mais a vida dos homens cujos pênis estejam acima da média nacional, minimizando a dificuldade de aplicação nesses casos especiais. Afinal, "depois da segunda ou terceira vez, o pau não fica do mesmo jeito". Parece invenção e é, mas é uma invenção que funciona, conforme comprovou a demonstração do Dr. Célio, cujo invento foi capaz de encapar o braço de um voluntário numa fração de segundo.

Apesar do Aplicador de Camisa de Vênus ter sido inventado há aproximadamente quinze anos, ainda continua atual e certamente facilitaria a vida sexual de muita gente. Assim, os interessados no invento do nosso multifuncional Célio Apgaua podem entrar em contato com a revista.





Acordei
e me olhei
no espelho.
Não me con-
tive, grun-
hi para mim
mesmo:

— Seu velho,
gordo. Feio.

Fiquei alguns
instantes
parado, pen-
sando. Então,
disse:

— Gordo, não.
Velho e feio.

Meu astral teve
um quê de melho-
ra. Mais uns minu-
tos, falei:

— Gordo e velho,
não. Feio.

Me senti um pouco
melhor, mas a res-
saca ainda fazia
a cabeça latejar
um pouco. Mas de todo
jeito, senti-me melhor.

Virei o rosto para um
lado, devagar. Virei o rosto
para o outro lado, também deva-
gar. Quando me olhei de frente,
esbocei um sorriso, o máximo
que consegui foi um esgar que
denunciou as rugas nos olhos e
nos cantos da boca, acumuladas
nestes anos de bebidas e noites
mal dormidas.

Senti que precisava de mim
mesmo e dei-me o que precisava
ouvir:

— Nem velho, nem gordo, nem
feio: acabado.

Senti-me bem melhor. Fui
à geladeira e tomei as últimas
latinhas de cerveja que sobra-
ram do dia anterior, antes de
voltar para a cama e dormir,
aquele sono pesado e ruim.

Tudo isso, no sábado. Do-
mingo, quando passei pelo espe-
lho, de ressaca, senti-me velho,
gordo e feio. E não tinha mais
nenhuma na geladeira.

anos!